

Para deglutir Foucault com dendê e mandioca
Oneiros de Michel nos delírios tropicais

Sue Ellen Vieira (nome social Sue Nhamandu)¹

Doutoranda em Estudos Contemporâneos das Artes/PPGCA pela UFF .

“o onirismo da figura contra o onanismo do conceito”

Viveiros

“Deleuze, em Crítica e clínica, chamou de “fim último da literatura”: “invenção de um povo, isto é, de, uma possibilidade de vida”

Juliana Fausto



¹ Doutoranda em Estudos Contemporâneos das Artes/PPGCA pela UFF . Bacharel, licenciada em Filosofia, pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do ABC. Bolsista do programa de mobilidade Europhilosophie Erasmus Mundus Toulouse-Barcelona 2019, na Université Toulouse II Jean Jaurès e na Universitat Autònoma de Barcelona - UAB Barcelona, com a orientação de Jean Christophe Goddard. Vencedora do 2º Prêmio Select de Arte e educação 2018 (Revista Select e CCBB), com o Projeto Ryzoma pornoklasta; uma proposta transdisciplinar de arte, esquizoanálise, clínica social, pedagogia, e filosofia que trabalha a sexualidade como um modo de subjetivação revolucionário e disruptivo com a força da matripotência como suporte para discussões políticas, científicas e de humanidades acerca do corpo e do prazer feminino

Fabulação filosófica, descolonialidade impura, e antropofagia matriarcal

Canícula des tropiques. Eis Foucault, aliás, *Ego sum Foucault* pobre *pelado puto*, se vê nu em pêlo, em meio às Icamiabas², depilado(barbé) até nas bolas do saco (bourse du boulettes). Danado viado, xibungo (damné pédé) obrigado dá no couro, com as Icamiabas toda. Fazê o quê? Gostar, não gosta não! Aguarda e aguarda³ chegar amazona explicadora daquela situação, que lhe contasse o que se passa. O desvalido se vê sem conhecimento epistêmico prévio canibal e/ou antropófago. Desencontrado não sei quando meio Mata Virgem Amazônica, como veio ao mundo, bebendo a yãkõana das Icamiabas, e fazendo uns filho claro que não se via homem entre. Uma miuçalha(mioche) arteira que só! Era um rascoeira tábido garanhão do haras do mulherio bravio. A natureza é uma força que inunda como deserto.

Não se deu ao luxo indagar se as Icamiabas tinham ou não Estado⁴, dava-se por mais que satisfeito da branca discussão; entupido até a alma- alma que é certo as índias têm- com o DMT⁵ selvagem, perdido léguas adentro no meio a matrianarquia oncesca de Pindorama. O paideuma da diferOnça.

Como foi parar ali, é certo não se lembra. O que recorda é a vaga reminiscencia de sair seguindo moço bonito negro-índio- que não comia caranguejo, tinha um olho forte de matar onça-, afim de visitar um tal Barracão de Ifá- entre o circulo de opelé-ifa e a encruzilhada de Exu, a episteme já era outra-. Se tremeu os ombros no meio do Quilombo Iorubalândia, caindo direto nos braços gordos de pombagira Benvinda com que mãezinha Iyá bell de Occam⁶ carrega o terreiro.Occam é um orixá asteca ioruba Mãe bell era boa, se existe coisa boa é boa que nem ela, mais boa não é não. Foucault entrou num devir-índio-negro, como conta Viveiros evocando um compadre especialista em heterogenese étnica, “toda vez que tocam os atabaques chamando o santo, cai um francês”.

Na falta de peles de papel ou ainda de caneta bic resignava-se meditar- como anos depois perdido no chaleur des tropiques, Descartes derreteria -suando mais que um “*brazuca negão sebento*”⁷- envolvido em delírios do fumo tupinambault. Pobre Descartes pensando mal, com elefantíase no cogito. Vendo tudo com os olhos comestíveis de terra, pensa mas não

2 Utopia Selvagem

3 Catatau

4 A sociedade contra o estado

5 Fatumbi Verger

6 Catatau

7 Brazuca negão sebento

compensa Um isso de Occam. Foucault se esqueceu como beijar por escrito, mas aprendeu a pescar.

Embora coletoras majoritariamente, caçam e plantam. Caçam muito bem. Ele come macaco todo dia, feito Pitum⁸ antes dele, sem sal mesmo, guariba no moquém assado com pimentas. Macacomecomam! Se abriu ao paladar como etnólogo, só preferiria que variasse mais o prato Falar as donas falam, e agora findos dois anos ele bem até entende e mal fala, o que espera mesmo é chegar quem te explique. Foucault certamente lembrando-se de Bachofen- o de Engels não o de Oswald-, e ao contrário de Pitum estava certo que tratava-se de uma ginecocracia, mas como Como foi parar ali meio as amazonas caçadoras.?

No mais com seu olhar etnólogo aproveitava a novidade (nouv(b)eauté) oportuna de pensar autrement. Vai cagar assim na catapulta de Paris bicho preguiça! Já que seus olhos se fartavam não só das enxutas xoxotas que jorra enxurrada e enxoxota das índias, mel de ostra, mas daquela coisa toda mata, floresta rizomática que via quando não estava tremililíquido (friselisliquide) as xerecas parideiras(étalons gynécée génisse), ninfas em pleno orgasmo mas sempre comendo pitangas . A vagina do umbigo mundo. Úmidas cavernas. Ninfas ondinas de pele escura. Terrenas, a agricultura celeste dos poemas uterinos. Palito a placenta entre os dentes. Todo futuro é uma semente. Um bicho preguiça! A fauna local...ninguém pra explicar, viver no tempo o mundo não se justifica. O umbigo da vagina mundo no equinócio da primavera. O mundo da barriga vagina, o mundo umbigo, a vagina do umbigo. Terrenas gozadeiras. Quem é o Orixá do squirting?

Mais que meditar e duvidar, comprometia-se com corromper, e se voltasse, ou se ficasse de não sei onde ameaçar o que existe! Mas o que existe? E onde? Nem Aertschewsky⁹ bebado para explicar. Isso quando não passava o dia em desinteressada cocegação, estalava os dedos na batida do coração, ritmo, um ritmo que morre diminui o mundo. Não deixe o samba morrer não deixe o samba acabar. Mato de maio florido feito setembro as flores solferino feito manto de andor. Via uma montanha escalada por todos os xapiris fêmeas das pajés. Mulher guerreira xapiri guerreiro, xapiris mais que estoicas isso sim!, mas alegres feito um Ipêzal depois da chuva em seus banhos matinais e coletivos. Vai se vivendo!

Num dia de Lua cheia no primeiro mês do terceiro ano teve uma febre suando frio avistasse Spinoza, aquele mesmo Bento, conversando com escuro nativo daquelas bandas pindoramicas, sentiu-se invadindo a sessão xamanica. Ouviu longe a pajé das icamiaba-grandes líderes se formam nos mais inesperados lugares-.

8 Utopia selvagem

9 Catatau

- Fuco-Fuco? Puff

Rapesada na narina , umas ervas no ori e apagou. Sonhou que corria de uma onça. Era paricá, paricá pra cá, para ali, e pra acolá. Quando bebe yakoana Foucault torna-se outro.¹⁰ Sentiu? Tá batendo! Quando que ficou bom de si outra vez, estava bom. As plantas sempre produziram efeitos sobre nós... Temos uma relação psicotrópica com as plantas, é uma relação psíquica, as plantas desejam nos possuir psiquicamente.

O que mais novidou Foucault, todavia, era o caso de as donas parirem gozando, onde já se viu? Não dizem que mulher chora e grita as dores? Aqui não , gemem o gozo. Parirás e parirás com prazer disse a Serpente pras mulheres. são consagradas e insubordináveis a concertemente são! Auto suficientes não se enlevam por qualquer coisa. São como as Beta que Fatumbi conta, que cultuam a Serpente, se homi tivesse entre elas é certo que mandariam neles, ele bem que sabe. É para ela a Serpente que cantam e dançam, por isso o ofidiário ao redor da maloca de Foucault Pitum. Foucault vive cabreiro com as cobras.

De qualquer forma , como quem cuida de si¹¹, aguardava como que sabendo as cobras como antevisão de que ainda ficaria um quanto lá . E O que há de ser Deus não há de revogar.

Quando acordou da febre encontrou mingau de mandioca e um tantão de pitanga temporã. Comeu até ficar supitada, e sopitado de sono. Viu as pitangueiras como estão? Carregadas e ainda em flor. Ibá pitanga, fruto vermelho, tava mesmo a ariu o pitangal das índia, Iba Ité.

Logo comido das fruta, os xapiri delas já tratou de tratar a dor da moleira, coisa de dicotiledônea myrtaceae. Bolotinhas globulosas e succulentas carnosas carmesins cherry cayenne. Pisa a fôia faizi chá, Cura rim, cura gota, reumatismo, segura piriri, nunca maisi nas madrugada Fuco se viu retendo sofrido as ânsias retais por medo das serpentes noturnas depois que descobriu o chá de brazilian cherry. A cuidação das índias era mesmo boa, Não cagava no mato de noite de jeito nenhum. Certo ele, pra não dá com burros n'água!

Foucault era xerimbabo, prostituto caraxué, pécora, penisvaga pau mandado das luxúrias de amazonas , que assumiam o comando fodetivo de toda situação do mayasutra do toc toc no kijeme. Desenleadas com as vergonhas sempre amostra. Fornicacao balangadeira, guariba, yba e pito. Bem que tá se acostumando. Sururucatu! Não É ele quem diz que não sabe o que se gosta sem provar? Que *prática ética de liberdade* não envolve descobrir a

10 Kopenawa e Viveiros de Castros

11 O governo de si e dos outros

verdade sobre si, mas provar e se autoficionar...Pois bem, guariba, yba, e bimbar. Ele que pensou que só queria a doce solidão quando decidiu descansar nos trópicos.

Do pouco que manteve da outra vida era o hábito do pito, e o fumo das icamiaba era melhor que dos cubanos, e dos dominicanos. Tabaco Mói! Que *Cohiba* o que? Arturo Fuentes que nada, era tabaco brazuca, fumo tupinambault, kumbaya de alecrim e rosa, orégano com cumaru pras tosse... Entre os hábitos adquiridos seu favorito era comer de colher, protegendo a moleira do Sor da meio dia nas sombras salpicadas de luzes entre a palha da maloca. Que bom comer de colher no clima pegajento daquelas paragens. Nossa! Que calor Tá sentindo? Sentia falta das toalhas quentes recém saídas da secadora, quando nadava em dias mais frios.

Nas caminhadas depois do banho matinal encontra vez direto umas fruteira apinhada beijando o córrego. Durante as passeanaças ouvia a mata buscando água no remanso. Ouvia os cardeais, as choquinha estreadas, e os azulão da Amazônia, airupara, aiurucuruca, airucatinga, tuim, tuipara, tuitirica, uma arara, araracá, araracanga, araraúna, caaponga, caetimay, taiooia, ibiraobi bicando as bacaba e os açai. É fartura pindoramica. Oh! Cê ouve? Tira uma linha... É a fôiegem tremulando ao vento com as mulheres yawarioma, chegando Os passarinho gritando, ouvia o chão, quando pisando o caminho de fôiegem, cheirosa de úmida. Olha esse céu de um celeste de doer a vista entre a mata folhosa e densa; olhos compridos de Monsieur Foucault empanturravam-se e seus ouvidos já começavam reconhecer os cantos. Estética.

Numa tarde , assando tambaqui, pra variar o cardápio.

-Oh *Aroarama koxi*¹² Que lindeza! Exclamou logo de susto pra si mesmo a sapiência adquirida. Deu de criar haicais

Aroarama koxi

ave amazônica voa

canto de xapiri

Foucault aprendeu que a poesia é uma necessidade vital de nossa existência. Um dia eu te conto como ele aprendeu a pescar...Passava horas verrumando conceituações, as ruminações iam vagarando com o envelhecer do dia ; e a noite chegava ruidosa com o coaxar da sapaiaada, a fome dos jacarezinhos sonando feito porco miúdo. Grilaiada e cigarrenta a noite não chega em silêncio. A via láctea alumando as matriarcas amamentando, com seus seios fartos vazando leite doce, com aroma de baunilha amanteigada. As mãozinhas dão tapinhas no seio, brincam, apoquentam. O laço amorável das mães com suas crias. A imensa

12 Yanomami

ternura morna, as vozes resingonas resmungando as lullaby pajelantes, as mãos carinhentas cafunezando as moleirinhas. O cheiro de óleo de coco e de castanha do pará dos cabelos e peles. Procuramos por sentimento de pertença desde que nascemos, mas nunca sabemos onde iremos de fato encontrar.

Ia reparando com a boca amarrada de abiu a lindeza das boquinhas das miudezas(rabougre) abocanhando chibante as teta regaço como íntimo das maternante, sentiu uma pontada de inveja do útero, e riu-se de Freud! Quando maduro o abiu fica com a casca amarelada, um leite viscoso da fruta se apega aos lábios, a semente é adornada de polpa adocicada e branca. Eram aqueles zinhos grandes de jabuticaba madura que les enfants tinham, iam ficando aclarados, brilham neles estrelas da mata enlutarada bem no escurão da noite. Passou fitar os xetewe kitoki pra mo'de aprender fazê mundêu. As índias viviam atoladas na fartura, curtindo a preguiça, vivendo no atraso pré-moderno. Foucault queria um seio, queria amamentar, amamentar seu seio, e palitar a placenta entre os dentes.

O paricá causa uma coisa íntima, uma conexão animista fenomênica que deixa Foucault virar bicho, virar água. Sentir-se um só com as coisa toda. Você vai se adentrando, num entendimento de si profundo, fundido com o mundo, introspectivo que só vendo, pode até tentar fugir mais onde for cê vai atrás, cê fica se sacando, se fitando, não se tira férias de si com paricá não. Omama vai cantando, os xapiri vão chegan, você vira onça, aprende entender os bichos falar com as árvores. Passou a entender com clareza colonialismo como privação ontológica. Você aprende a se apossar do instante já, o mais fugidio, que até já deixou de ser. Você já virou onça? Foucault já, foi assim que ele descobriu sua disforia de espécie, e sua possível nova identidade de gênero, onça fêmea. Devir Onça. Das primeiras paricadas Foucault não entendeu bulhufas do que se passava. O pensamento não confirmava a sua existência. Fumaça egrégia. As plantas são os ancestrais dos humanos vivos mais antigos. As plantas percebem energia erótica.

O útero é um território gerido pelo estado, entre as icamiabas não! A origem é o nascimento, depois vem a fábula, da fábula os orikis, do orikis o transe, do transe os objetos que são uma fábulação. Existe uma política racial que governa o útero das fêmeas. Especialmente analisando as políticas anti natalidade dos DOM e as políticas pró natalidade em Franca. O corpo feminino é instrumentalizado por interesses do estado. Existe um controle colonial do ventre das fêmeas. Tratam-se de políticas de biopoder. É possível desocidentalizar o mundo através da reparação histórica acerca das história do útero das fêmeas?

Capítulo 2

-A Iya é um conceito fundamento epistêmico ioruba. Oxum matriarca líquido amniótico, placentaria das imaginações húmidas e dos espelhos exemplos para os filhos, Iyá de todos os orixás aquela a quem se deve oblação logo após Exú e o Orí. Escolhemos nosso Orí antes de nascermos. Nosso Orí e o Orí de nossa Iya estão conectados, pré-terrenamente. Onde escolhemos também nossa Iya, é importante que seja uma longeva Iya. No mundo ioruba a cosmopercepção engloba mortais, vivos e não-nascidos, bem como eleguns, orixás e encantados, todos evidentemente dotados de alma e de Axé. Axé que tudo as coisas tem as vivas e as não vivas, alimentos e artefatos, banhos e sangue.

Foi contando dessas coisas e d'outras que o belo negro índio por quem Foucault se enamorou fez o convite para que o catedrático fosse mais ele visitar o barracão de Ifá.

E continuou em francês muito bem falado, encantando Monsieur Foucault enquanto se embrenhava rumando ao terreiro.

-A unidade mais fundamental no mundo ioruba é Iya-prole. Sabe seu Fuco Ela não é como um feminino do pai, *nhan nhan*... Na iorubalandia a coisa é outra, a paternidade é social, a matripotência espiritual. É um negócio metafísico. Tá entendendo seu Foucault? As criazinha são o enfeite mais belo que se adorna uma oferenda. Os bacurizim. A Iya, as mãezinha é que é responsável pela vida dessa oferenda, ela co-cria como artista a humanidade, através da potência criativa e artística que é gerar a vida. É por isso que os papéis de gênero que por si já não são adequados a episteme ioruba são ainda mais inapropriados quando se fala de Iyá. O senhor vai conhecer minha Iyá hoje. Desde criança ela toda manhã, todinha mesmo desde a mais tenra infância, antes mesmo de eu saber falar já sabia ouvir Iyami mãezinha bell de Occam recitando meu *oriki orilè*. Sabe seu Foucault, o *oriki* é o mais primeiro estilo literário do qual os outros derivam é um jeito de nomear, adjetivar, louvar e fazer pertencer tudo ao mesmo tempo. Para quem se ama e os assuntos que arroteiam quem se ama, mãezinha entende tudo de amor. Se alguém entende de amor entende que nem ela!

O amor ainda é a forma mais perfeita de conhecer, Diotima bem sabia. O amor pelo Bem perfeito e sem ciúmes, sem angústia em sua condição metaxu entre o divino e o humano, ali bem, bem ali no intermédio onde vivem as parturientes entre os vivos e os não nascido, está o amor entre deuses e humanos. Todas as formas de amor recebem um adjetivo que vem do amor por uma mãe. A natureza é para o homem adulto uma mãe ampliada

Mas então o oriki diz o ser da pessoa. Sendo eu filho de mãe solo meu oriki recitado matinalmente é matrilinear e vem sempre depois de meu nome ritual. O cuidado de si grego é bem interessante, o senhor bem que tem razão. Mas espera só até tomar Jurema a nectárea bebida, outrar-se e começar entender do nosso cuidado de si brazuca. “mãe pra que serve o h? Como assim? Porque o h não tem som? Porque ele é mudo. Mas pra que serve o H? Pra fazer o ch Quem acendeu a luz no cu do pirilimpirimp

O moço era lindo, fortes olhos amendoados, sorriso largo, nariz adunco, pele retinta, Que Ogan gostoso eu diria isso sim! Bissexual, pouco efeminado, um charme. Ia falando coisas em francês indefectível com longas citações num ioruba bonito que Foucault não entendia mas amava a sonoridade, ou seria a voz do moço?

-Em África esse iorubá é como os mais velhos dos mais velhos falam, nosso iorubrasil é uma língua com 500 anos.

O moço exalava cheiro de ervas e incenso, e Foucault achou que bem que podiam se apaixonar. Foucault enfadado que estava do Velho Mundo fugiu pr'alem Atlântico no rumo das florestas lugarosas, na verdade a princípio no rumo das enseadas azuladas e horizontosas dos litorais, mas a vida é cigana. Agora almejava deitar seu fardo de espinhos ao lado do negro-índio, nos lençóis de algodão paraíba, mas a vida é cigana.

Quando saiu da cátedra da USP acompanhando o moço rumo ao Ilê em Salvador, nem Foucault, nem o moço sabiam da ignorância de monsieur acerca da geografia abundante do Brasil. Foucault viera para uma breve visita em 1976, acabou dando uma aula não agendada, que inclusive, sequer conta nos históricos da universidade, de quase secreta que foi, e foi-se para o Nordeste

-Arrêtons-nous à votre hôtel pour que vous puissiez faire vos valises ?

-Mes valises ?

Vai lá, já havia aceitado não ia se fazer de rogado agora, bora rumar pra Salvador. No mais queria mesmo estar mais tempo perto do moço, e agora podia. Foucault subversivo viajando pro Nordeste em plena ditadura, com seus ávidos olhos de colonizador de esquerda, visitando os territórios que via nos livros de Fatumbi. Em outubro do ano anterior viera falar sobre psiquiatria na USP , o moço o tinha visto em 23/10/1975 na assembleia estudantil. Um dia antes da morte de Herzog. No ano seguinte voltava por insubordinação, e sem imaginar

que passaria uma tarde sambando no Bloco da Coruja em Salvador no Santo Antônio Além do Carmo. Na baía Africana de Salvador. Ingênuo aquele que acredita que Foucault ficou no Brasil tendo encontros desmarcados no Nordeste por conta da ditadura, sequer sonham que o catedrático tirava férias de Paris pelos terreiros de Ifá nordestinos. Ou seja, enquanto esquerda e militares, concluíam se Foucault era ou não marxista e comunista, Foucault se preocupava com os destinos de sua alma, errante desde de antes do nascimento, se perguntava qual seu Orí? E assim, portanto, qual seu destino. A mãe de Foucault jamais pronunciara seu *oríkì oríle*, e ele desconhecia sua origem e destino. Foucault e o mar, este mar que é para os homens o mais imenso dos constantes símbolos maternos, boiar leve em água salgada morna da baía bahiana

E o moço seguiu palavreando para Michel as coisas que fazem parte da vida antes de nascido, quando você escolhe seu Orí e sua Iyá.

Sabe seu Foucault, O título de Ialodê como único cargo político as mulheres é pós Ibadan, uma reconfiguração política do séc XIX, a modernidade colonial. Ialodê é a mãe encarregada de assuntos internos do povo das multidões; Iyá é Ode mãe das multidões, uma marca de um ethos matripotente. Ìyà mí à won Iyá é uma sociedade secreta, formada unicamente por anafemeas, muito poderosas, cujo poder advém de suas faculdades procriadoras.

Foucault aproveita o voo de São Paulo a Salvador para cochilar um pouco; um carro os espera, o moço havia deixado seu carro lá antes de viajar para São Paulo conhecer Foucault. No carro a caminho do Ilê continua falando da estética da existência ioruba.

Existe uma pertinência coerente em dizer que na episteme yoruba existe uma relação a entre arte e Iyá. Das esculturas de *ikúnlé abiyamo* expressam as mães parturientes. Existe uma relação íntima entre criatividade fazer arte e pro-criatividade (fazer bebês) Iyá está no centro de ambos. Todos os amores que virão não mudam esse amor líquido primordial que é a substância mãe. Amar as imagens é encontrar uma metáfora nova para um amor mais antigo.

-A mulher é um outro, um complemento, mulher não é positiva, mulher não é homem, a Iyá é incompatível com esta episteme.

A saudação de uma Iyá é dirigida não unicamente a Oxalá mas ao Orí da Iyá que não é um recipiente, mas sim uma co-criadora da vida. Toda Iyá precisa do suporte de seu Orí para dar a luz.

A relação entre estética e Iyá também precede o parto, e incluem os cuidados da puerpera, esses processos todos são considerados *onàyiya*, ou seja, fazer arte, moldar o recém

nascido é como moldar a argila. A terra úmida, argila molhada pelos delírios líquidos maternos fazendo a terra moldar-se.

A criança em si mesma é o que há de esteticamente mais belo. *Omolewa* (prole é beleza) é um nome pessoal que aparece nos orikis ou ainda *Iyalewa* Iyá é bela e torna bela a existência humana. Quando amamos uma realidade com toda nossa alma, essa realidade já é em si alma, é uma lembrança de um amor primeiro, filial. O amor inolvidável das aparências leitosas e das metáforas lácteas.

Para imaginação todo líquido é uma água. Pensemos Oxum em dourado com seu espelho, refletindo em tons solares e translúcidos a imagem da água, porque o espelho é uma imaginação líquida. Oxum faz da água pessoa, mesmo as mais turvas águas do rio, se reflete em espelho. No espelho onde nos vemos, o espelho que espelha as ações amorosas, os cuidados maternos. As qualidades substanciais líquidas, o líquido amniótico, a água é Iyá.

Existe um artefato chamado elefon, uma máscara capacete comum no nordeste ioruba onde o tema comum deste *elefon* é o *Otonporo* uma mulher ajoelhada com duas crianças, uma encarnação de tudo que é belo, a maior beleza ioruba é a chegada das crianças. As crianças na cultura ioruba são a beleza. Os bacurizim tudo enfeitando as estátuas de Iyás. *Àròyá* são retratos conceituais que operam como memorial dos mortos. A Iyá como categoria é uma provedora e educadora ancestral seus retratos diferente do dos pais incluem a prole da Iyá.

A díade Iya-prole é pré-terrena e portanto antecede casamentos e qualquer outra forma de relação familiar. Praticamente uma partenogênese. Já que a Iya dá a vida à sua prole, almas já existentes que nascerão dela, é portanto, da ordem espiritual mais que biológica. Enquanto pai é entendido como uma categoria social e não espiritual, a relação Iyá prole é pré gestacional e em sua exuberância permanece além da morte.

Os papéis sociais Iyá e artista estão ligados a vagina por exemplo é também chamada *Ìyámapo* um nome que se origina que sua faculdade de fazer molda bebês como argila, obras de arte, *Ìyámapo* é a divindade padroeira das artesãs especialmente tintureiras e ceramistas. E as cores nos tecidos, que escoam em líquida água colorida, e as cerâmicas que carregam as águas, quando racham vão regando o caminho por onde passam cheia de água líquida que escorre das cerâmicas rachadas. Floreia. Bebida feliz leite materno. Uma cena é pintada em memória do dia em que Iyá grávida entrou em trabalho de parto.

Enfim, vemos claramente que existem funções estéticas que cercam o sujeito cosmopolítico Iyá. As crianças são o mais belo dos adornos dos orixás, são um presente que a humanidade recebe. Todas anafemeas ou anamachos são presenteados com graças de Iyá, inclusive sua arte. A arte tendo a intuição como tecnologia deve reconectar a consciência com

a vida. A arte nas suas qualidades de sonho, é líquida, existe um cunho fundamental de maternidade na água, daí Oxum Iya fundamental ser líquida, cujas águas intuem a fecundidade profunda de um útero infinito.

O oriki é uma poesia orientada a uma pessoa ou tema. Oriki o louvor a cabeça é um discurso onipresente na vida diária os demais gêneros literários são feitos do oriki. Todas as estancias da vida ioruba gozam de um oriki. O oriki é nomear e louvar o ser da coisa/pessoa. O oriki ilustra os atributos mais essenciais. Há uma persistência de anafemeas na criação de orikis derivando em particular do papel da Iyá. Faz parte do trabalho de nutrição da vida papel de uma Iyá produzir orikis que representam e manifestam relações entre entidades e antepassados, relações entre entidades e antepassados mantendo-as vivas e refeitas.

Conta a Foucault que pelas manhãs de joelho perante sua Iyá o moço ouvia a saudação com seus irmãos., eu nome pessoal para louvor seguido de *seu nome de* sua linhagem materna orólè (de denominação totêmica) recitando com estrofes *do oriki orile* (a poesia da linhagem).

Receber esta performance ressalta afetos de pertencimento, dá intenso prazer pois evoca reconhecimento. Recitar um oriki é conferir ao sujeito poder ao ressaltar suas qualidades que ele carrega desde a infância, *Orí mi wú !* É o que se exclama após o louvor que significa “*minha cabeça expandiu*”.

O oriki é como um encontro com o místico que desperta nossos melhores atributos. É por isso que a Iyá recita o oriki de sua prole frequentemente alimentando sua auto-estima e incentivando novas conquistas, por exemplo, em dias de provas escolares sua mãe recitava seu oriki.

Por isso no trabalho de parto é função da Iyá àgbà louvar o orí da Iyá parturiente para lembrá-la de sua força reforçando o sentimento de pertença meio ao turbilhão afetivo de si consigo mesma que é um trabalho de parto, falo com experiência de quem viveu dois partos naturais.

A iyadade é pré-terrena, logo é pré-gestacional e uma identidade primordial na episteme ioruba onde o gênero não é linguisticamente codificado. É uma sociedade embasada na senioridade. A cosmopercepção yoruba inclui não nascidos, vivos, e mortos. Todavia, as oblações prestadas na gestação visam manter a Iyá fincada a vida terrena.

A *aboyun* grávida é vista como habitando dois mundos: o dos vivos e os dos não nascidos e no final do processo o parto transforma a comunidade , porque toda comunidade se constitui graças a entidade cosmopolítica Iyá aquela que procria a humanidade. A arte está sempre certa, por isso os mestres são teimosos?

As questões axialmente epistêmicas são políticas. A redução epistêmica do pensamento humano , binário é substituída por outra circunstância de outra determinação ontológica. Não generificada e com agência política para com entidades metafísicas .

O corpo todo catimbo, ler com o olhoclitóris, de oito mil terminações nervosas conectadas com mais 15 mil, fazer nascer esfregação da vista nas peles de papel que procuram sentido como agulha num palheiro de palavras que se esvaem, como a efemeridade das bolhas de sabão uma a uma única em assunto saindo do canudo, mudam-se os sentidos num xadrez de acasos. Vejo as coisas? Ver é uma fábula. O pensamento me deu susto, este mundo é feito de substância que brilha nas estranhezas extremas lindezas da matéria. E do espelho d'água brilha Iyá Oxum. Escrever, versar com as pessoas é ser, sou enquanto escrevo, e sou neste instante já que escrevo e não sou no hiato entre cada palavra onde também sou, sou silêncio que sabe que não se sabe, e nomeio escapando do não ser sendo a cada fala. Mas saber-se também é desvario, não se é razão inteligência , a intuição, o sentimento. não sei

Capítulo 3 Foucault Acorda na Lícia

Nenhum Artksewski tirará Foucault pelo coração a tempo da via de suas dúvidas. Foucault peripérisco pulando dum matriarcado a outro onde Bachofen nos leva. Eu estou sobrando de consciência que tenta, que escreve e inventa, se perde se remenda, num bordado sobre o furo, que disfarça o buraco. Algo não andou bem, houve um negócio. E o negócio é que Foucault já não se encontrava entre a boa cuidação das Icamiabas. E arrancado de si e delas já não dá mais pra ser si próprio. Vem ver no que deu.

Uma nébula de polem primaverifica. De tanto farejar marofa virou farofa? Catimbó! Ou foi a paricagem? De que adianta duvidar dos cristos em nhengatu se já não sabia e mal pouco sabe agora onde diabos está? Não queria ver o ofidiário nem pintado de jenipapo, mas estava acostumado com a cocegação com as índia e agora ia ter que se reinventar.

Heródoto conta que os Lícios procediam a princípio de Creta, mas como Lico filho de Pandión vai de Atenas para lá, o nome muda. Qualquer investigação acerca da matripotência do matriarcado deve partir dos Lícios. A menos que você caia sem querer numa viagem de jurema primeiro entre as Icamiabas. Embora de hábitos cretenses, algo coisíssima coisa de muito distinta entre eles acontece, o negócio é que os Lícios nomeiam seus filhos a partir do nome da mãe e não do nome do pai, são sobrenomes de linhagens maternas. Os filhos das mulheres cidadãs com escravos são nobres, o mesmo não ocorre com os filhos dos cidadãos homens com estrangeiras ou concubinas. Os filhos são juridicamente de direito materno, e as

heranças em posse das filhas. Isso não novidade Foucault, já que os rebento bacuri que ele emprenhou nas Icamíaba na mais escuridade obsclara , não eram dele, mas delas.

O costume a princípio sem lei escrita mas costumeiro de vida a vida se deu religiosamente , pois a terra havia se tornado salgada e a fim de ter terras fecundas os nomes passam ser dados a partir da matrilinearidade. Uma conexão íntima entre as vontades da terra e os úteros úmidos das mulheres. A lenda de Nanã. Plutarco relata que o caso parece uma fábula, mas advém de um mito: Isaras chegou a uma colônia Lícia com piratas belicosos, esses saíram cagando e fudendo com a vida dos moradores que não podiam entrar no mar nem viver nas costas, usavam um leão e uma serpente de distintivo, Belerofonte os matou e expulsou as Amazonas. Mas por não receber honrarias devidas pediu que Poseidon se colocasse contra a fertilidade da terra e uma onda engoliu tudo, se o mundo é a minha vontade é também o meu adversário. As águas violentas. A água enquanto ser também pode ser uma forma de cólera. Como uma flecha d'água numa alegria masculina de perfurar a realidade. Todavia quando as mulheres saíram ao seu encontro a água do mar se retirou. A esse mito se deve a fundação matrilinear dos Lícios. Um matriarcado em luta com os direitos masculinos, que derrotaram o Amazonismo, um filho de Poseidon, neto de Sísifo derrota as matadoras de homens, mas o direito matrilinear permanece vencedor. Neste mito a mulher é terra . O vento vencido enxuga a lágrima dos caminhantes homens que marcham caminhadas nas montanhas com vontade ao ar livre não o passeio peripatético mas a caminhada enérgica, rude e forte de uma doutrina, e as fêmeas caminham descalças e o mar de Poseidon se volta pro oceano e deixa as terras livres pro plantio e pra colheita. As mulheres vão a igreja sem calcinha levantar as saias dos santos. O princípio material da maternidade vence Poseidon e Belerofonte, Belerofonte vence as Amazonas matadoras de homens, mas não vence o princípio materno. Na Ilíada, Belerofonte deve conformar-se com meia vitória, Heracles, Dioniso, Perseu Aquiles e Teseu se diferenciam de Belerofonte em suas missões de vencer o direito materno. Belerofonte-Xango-São Jorge-Foucault-51 Pegasi b. A imagem das mulheres mesápias feitas prisioneiras de guerra em bronze mostra sua valentia, sua posição de dominadoras do povo, da família e do Estado, mas que agora devem servir Apolo, Pausanias contou.

Quando antes Foucault entupiu a boca e estufou o peito de fumaça paranga de garapa, graspa de bagana, o que falar ? falar sobre o que se pensa. Em pleno acontecimento. Mas se pensa a todo instante, penso estar pensando o próprio pensamento. Quando se pensa percebendo a si se ganha alma. Ouve com os olhos a melodia dos matriarcados, sentindo a fome que a marofa deixou, querendo farofa. Nada posso contra os fatos. Sou máquina, sou

bicho, sou Foucault graças a Omama. Os cuidados de si e dos outros se confundindo tudo, pensar a microfísica do poder, e o sujeito e sua hermenêutica é traçar uma linha beira o ócio e desviar de um voo de quem pensava, mas pensava sim na Iyadade e na matrigestão. Doutorado quatro anos cara a cara com a tela branca.

O Foucault entre as lícias não era o mesmo, ele nasceu de novo entre as Icamíabas. Aqui acontecem coisas trópicos Lícios. Foucault mudou muito! Dá pra ver daí? Cuidado com o que não muda! Aqui fiquemos! Tudo que ele precisava saber ele sabia fazer pra sobreviver. E sem peles de papel ele aprendia a trabalhar. E a primeira atividade que ele aprendeu a fazer foi arar a Terra. Porque vida é movimento, dançar correr e viver as imagens da vida se fazem como as aves que voam, os nômades que andam, e as andorinhas que migram. Cadê o caju, a mangaba, o maracujá, e o ananás? E as pitangas? Tenho que assar de novo as castanhas de caju na imaginação Esses lícios não sabem comer, e essas amazonas que comem homem, aff credo, cruz me livre! -Posso me enganar o que ninguém pode é se enganar por mim. Está vivo, mas os lícios fabricam fêretros são bons de guerra. E no meu Brasil sobe o preço da gasolina sobe o preço do arroz, e lá se vão minhas parente Icamíaba. E minha Salvador onde o tempo será medido pelas pausas entre o baque do coração e o ataque do atabaque. O tum tum tum, taptataptatap, que pulso e expulsa os maus espíritos das xawaras. Quem pôs a luz no cu do vagalume? Omama! Brasil assassino de índio sem minha condescendência, só uma título de condolências. Mas dos cuidados de mim eu entendo e entendendo me fazendo de meu entendedor de mim. E das coisas que ainda não sei, esculpir o marfim eburnea, forjar o ferro. E as lícias já mil anos forjam o próprio ferro? Quem sou eu Foucault? Que ensinei tudo que aprendi, mas não aprendi tudo que queria ensinar, cadê mãe bell de Occam? Com quantos paus se fizeram as canoas atlânticas colonizadoras? E eu aqui sem o ao léu e sem o à toa bom das índia. Aplicar unguento não é dar remédio é cuidação. Quando anoitecia chá de pitanga, quando manhãcedia mingau de mandioca. Plantem as plantas. As plantas curam os males Foucault tratava de questionar as condições de possibilidade da existência investigando como se adquire o direito de chamar algo de realidade, mas com as lícias e as índias ao contrário das instituições de poder ocidental ele se identificava com a verdade proferida, cujo modo de vida o fazia liberto da colonização que ele próprio não estudou. A Arqueologia vai liberar o pensamento do dogmatismo antropológico, mas agora entre os trópicos também vão se libertar da modernidade anti magia. Ah que saudades da Tunísia, com seu mar o sol e a juventude, a revolução foi possível em algum momento, os levantes históricos dos estudantes tunisianos, um ar puro de fazer política, a reivindicações e pautas tunisianas. O ativismo dos professores! O conceito de parente que é bom, os indígenas sabem bem, o parentesco com a

água, o vento, com a mata, com as outras entidades animais e até com algumas entidades humanas. E as ocupações secundaristas, o autocuidado de si e dos outros. As lícias caem na dança sem saber latim. Entre as icamiabas seu coração estava de barriga cheia. Saudades é muita sacanagem. O tempo passa em cotejos. Arfa com um barrufo de pólen no fumo louco das Lícias e seus cogumelos sagrados Foucault!

Dançar, encontrar o corpo delas no movimento do Catimbó, paralela, espremer, cantarolar, Catalunha! O corpo todo catimbó! Contorce-se a necessidade da contingência, evidência, paciência! E a palavra vindo pra mim sim canta a palavra vicissitude cantoneira lados de sapos lagos ciganos lagos para feiras freiras de preto andam na praça e Eu Foucault querendo Exu, devia ter chupado a Suely Rolnik e aquele dendê o fio capilar o termo capilar, um terno, um instante capilar o estranho e o novo Paris velha! Fechar a porta, medo de deixar algo esquecido. Tudo está não legal, a vida não é fácil. Qual é a hipótese? Que vida eu quero viver? Modos de existência são provisórios. Mas onde estou agora é onde sempre quis estar. O Mau do perfeito: a casa ensolarada, cozinha completa e branca, dois filhos doutorado, a cozinha branca, o sol, o medo do castelo de cartas. Silêncio para ouvir o outro, preciso ler mais. O antipsicótico apaga o fogo do eu. Triângulo circular, escuta o que está acontecendo, escolhe o mar e vai dançar nele. Ficciono uma fundição que não sou.

A água telúrica, o princípio possidônico e a ginococracia vencem entre os Lícios. As mulheres aparecem como dominadoras de povos, cheias de valentia, são as donas da família e do Estado. Em Delfos existem cavalos de bronze e imagens de mulheres mesapias prisioneiras de guerra. A ladainha os ruegos das mulheres que devolvem a fertilidade para a terra. A fecundidade da terra e das mulheres estão em uma mesma linhagem. Belerofonte. O germe de toda vida telúrica é a união da água elemento fecundante com a substância terrestre feminina. O princípio material da maternidade. As abelhas modelaram o matriarcado mais puro. As abelhas voam em leminiscata. Belerofonte filho de Poseidon, com uma humana. Recebeu a ordem de Lóbates sogro de rei Preto para matar as famosíssimas amazonas. Embora o faça este não derrota o direito matriarcal. Nascer e perecer o câmbio entre toda vida telúrica. Três filhos ele teve um leão, um dragão e uma cabra feminina. Isandro, Hipoloco, Laodamia. Animais quiméricos.

A escolha faz a escolha, ao escolher se dá existência a escolha. Existir é estar no mundo em participação com o outro. Ser no mundo fazendo existir outra coisa é existir. Fazer existir é escolher o que fazer. Escolhemos porque precisamos dar sentido às coisas, queremos uma coisa e não outra. É preciso se manter em processo. As vezes sinto um vidro entre eu e a

vida . Embora não saiba o que é existir, superou o peso da existência. Enquanto escrevo existo. Isso aqui existe, porque faço existir, se existe quando se faz existir uma coisa. Importante é tornar a existência mais real. Se de repente percebo que percebo que existo por um pequeno instante. Ao me perceber existindo volto a existir incluída no mundo. Como tornar mais real aquilo que existe?

Toda filosofia está sujeita a uma estética. A metafísica de Platão é toda ela uma estética. Não existe apenas um modo de existir no mundo, nem tão pouco apenas um mundo. A África é o centro do mundo, mas Pachamama é um sujeito de direito.

Arsalo, Drias e Trosobio os três deuses Lícios. Belofontica Lícia.

Capítulo 4

Para pescar é preciso uma isca. A isca é como a alma da pesca, porque a existência da pesca depende da isca. A isca faz a pesca mais pesca, porque pescar é caçar com a isca um peixe. Como toda caca exige tempo, espera, exige entender que a efemeridade da vida se conta em ver com calma o dia mudar de cor, enquanto espera. Aprender a esperar é uma tecnologia dos caçadores. É uma antropotecnologia, o ser humano espera mal, por isso ibogaína, paricá, tecnologias do prazer para tolerar a espera quieto. Quietos difíceis porque a vida é movimento. Já observou o bebe como ele está sempre ensaiando uma coisa pra fazer? Nada é inútil pro bebe, bom salvo o que ele sabe que pode fazer e já não interessa mais. Mas os objetos mais simples mais vazios de sentido, como o lixo plástico que sobra tanto de nosso consumismo fetichista da mercadoria são pro bebe fonte de gozo. Fomos desconectados do erótico. O corpo foi consumido pela cultura de massa da pornografia, e subvertido por Freud. Erotismo é vida. E a busca por prazer no movimento é uma constante. Mas a pesca é imobilidade do corpo, o que permite um devaneio da alma. Que sobe em bolhas de sabão para as esferas onde tenta alcançar as ideias, a essência, a compreensão dos paradigmas, epistemes e conceitos. Pensar na pesca depois de filosofar é a aleluia da beatitude.

Num dia, pela manhã- numa manhã azul celeste, com pequenos feixes de luz que conseguiam passar pela mata frondosa-, pela manhã porque é preciso pegar os peixe com fome, amanhecer-se, uma das Icamiabas levou Foucault para aprender a pescar. Ela era sabida dessas coisas que vida é movimento e queria manter a mente do senhor Foucault sana então levou ele para observar outras paragens a esperar o peixe ao invés da cocegação eterna de nada fazer a não ser esperar a cocegação nos corpos das índias safada.

Agora eu saquei com clareza que a modernidade e o biopoder tratam a reprodução como uma tecnologia biopolítica, pensou. Existe também a importância dos trabalhos de cuidado e manutenção da vida para a manutenção da sociedade capitalista. O trabalho invisível das donas de casa. Cuidar do doméstico e das crias. Existe ainda a racialização dos corpos que as feministas africanas latinas asiáticas e negras percebem e acusam. Ao analisar as práticas humanas veremos que existem muitas políticas de reprodução. As fêmeas não brancas muitas vezes prestam os trabalhos de cuidados das fêmeas brancas. Elucubrou Foucault, enquanto se lembrava que as plantas eram consideradas por séculos uma pragmática existência da razão. A vida mostrando sua potência total virtual de ser na semente, é que faz da razão um fato cósmico.

Foucault colocou a isca no anzol e começou a divagar sobre o conceito de episteme na tentativa de entender a *weltanschauung* matriarcal

O conceito de paradigma de Kuhn é polissêmico. Ele é análogo ao conceito de episteme. O conceito de episteme está para as ciências humanas o que o de Kuhn está para as ciências naturais, e o de era para os regimes da sexualidade.

É uma espécie de kantismo. Através duma atualização do conceito de transcendental é possível perceber que ambos os conceitos episteme Foucault, paradigma Kuhn e Era de Preciado se expressam como condições de possibilidade do pensamento: ou seja da produção de verdade.

Condição de possibilidade como gênese e território, território onde apenas os critérios de uma dada época podem julgar os enunciados dessa mesma época. Esse a priori histórico chamo episteme e Kuhn chama de paradigma, ou matriz disciplinar.

Ao falar em episteme estou descrevendo um solo epistêmico. Por episteme, tomamos um grupo de relações que conectam distintos modelos de discurso que correspondem a uma época ou um modo de vida. Ou seja, a episteme vai resumir as condições de possibilidade do que pode ser chamado de saber. Já pensando seu Fucô.

Ao falar em episteme estou especificando uma espécie de solo epistemológico, cujos discursos prestam parâmetro para legitimar tudo que pode ser considerado em um dado momento histórico ou modo de vida: ou seja uma célula de localização. A arqueologia é uma análise de discursos, ou seja um conjunto de performances verbais. O conceito de episteme será depois alargado de chamado de dispositivo que permite analisar mais que realidades discursivas: práticas, estratégias e instituições mais ou menos como o conceito de era se presta.

O conceito de era da pharmacopornografia irá dar conta de um campo discursivo onde as coisas podem ser verdade, neste campo a verdade é uma diferenciação sexual binária, marcada pela quantidade de um determinado tipo de hormônio que o corpo guarda, bem como as performances de gênero que pratica.

A episteme tem um sentido. É uma estrutura de conhecimento determinada por uma rede de conceitos que servem para em um período, ou um modo de vida interpretar a realidade. Uma célula de localização do que pode ser chamado de verdade, ou seja garante que as palavras correspondam às coisas.

Os códigos fundamentais de uma cultura governam práticas sociais; e as teorias científicas e a filosofia formam as teorias gerais do governo das coisas. Nossa cultura e teorias científicas hoje formam uma célula de localização que Preciado irá chamar de era da pharmacopornografia.

A pharmacopornografia é uma epistemologia política do corpo. O conceito de pharmacopornografia vem dar conta de um período histórico que pode ser circunscrito e dos dispositivos de controle pertencentes a ele, e as condições de possibilidade do que pode ser pensado dentro desse período. Esse período corresponde à hipermodernidade e pharmacopornográfico seria, portanto, a característica do que poderia ser pensado. O período teria seu início na Segunda Guerra Mundial e com o fim do fordismo, marcado pela distribuição de drogas e um tipo próprio de criação de subjetividades. Esse conceito vai recorrer à ideia de episteme, ou seja, ao campo discursivo como de dispositivo, sendo, portanto, mais abrangente que a episteme. A característica fármaco se dá principalmente pelas drogas e, a medicalização do gênero, pela descoberta dos hormônios. O pornográfico se dá na exacerbação de uma característica que Foucault já nota que é a transformação do sexo em discurso. A característica pornográfica se dá pelo avanço da tecnologia, o acesso à internet em celulares em qualquer lugar e o acesso a uma pornografia gratuita, imagens que permeiam facilmente a vida das pessoas, encontrada em diversos contextos que, como os demais produtos culturais, começa a operar um caráter de experiência de formação dos sujeitos, construindo um papel de produção de imaginário capaz de se impor como processo de subjetivação. Um produto de cultura visual consumido diariamente, tornando-se cultura de massas, de maneira mais ou menos escondida pelos sujeitos, mas claramente sabida pelo google, ilustra um sexo de corpos brancos. E, para corpos brancos, onde e quando encontrados corpos negros e latinos, sempre exotificados, e em condição de subjugação, corpos femininos agredidos, mais 65% das produções mainstream operando a reprodução dos processos de colonização do corpo e do imaginário e a colonização epistêmica, dizendo o tipo

de sexualidade que pode ser normalizada, e possível, bem como desejada por corpos masturbadores e pelas subjetividades masturbadoras de punhetas e likes.

Nunca existiu esse sujeito sozinho que decide compactuar com o contrato social. Os humanos nascem de Iyas. A unidade social mais fundamental é Iya prole, a única maneira de dissolver a política do indivíduo e ethos heterocapitalista pharmacopornografico é através de comunidades de fabulação que forçam a invenção de outros mundos. Prática de autocuidado, são práticas de autodefesa. Fora do individualismo do artista e sua obra, tão capturável pelo modo de subjetivação neoliberal. O capitalismo é uma indústria de captura. É mais difícil capturar quem pensa comunitariamente. Trata-se de uma questão ética estética.

A isca cai na água, e em volta dela pequenos círculos vão crescendo, como se os pequenos círculos virassem grandes círculos, o anzol afunda, a isca boia. Foucault pede um sinal dos céus e uma borboleta aparece um pouco antes de começar uma chuva O corpo da parturiente é imenso, é sagrado, e é nefelibata, uma chuva, o corpo em parto fica entre o céu e a Terra, manter a parturiente fincada em solo terreno é função do sabão de Iya, é preciso ter ouvidos atentos para escutar o coração da ancestralidade quando ela nos chama. A pharmacopornografia é um solo epistemológico. Este conceito é muito importante. Solo epistemológico é um conceito que permite perceber rupturas entre as teorias. As noções de semelhança, identidade, e analogia dependem do solo epistêmico em que as palavras e as coisas se inserem. O solo epistêmico possui seu próprio a priori histórico; o que se transforma no a priori histórico dá a condição de possibilidade do que será o saber. O a priori histórico dá o tom e o ritmo da realidade em um dado período.

O conceito é uma representação discursiva universal, para Deleuze produzir conceitos é a tarefa do filósofo. Os conceitos aplicados em qualquer área do saber dependem de possuírem um conteúdo no *domínio* de objetos que nos podem ser dados; e de uma verdade determinada no interior do mesmo domínio, agora podemos substituir na frase citada a palavra domínio , por episteme ou ainda por paradigma trata-se de uma semântica transcendental histórica. Ambos examinam em determinado campo (episteme, era, domínio, paradigma) como se produz a verdade, trabalham com o mesmo modelo fundamental e recurso metodológico. A verdade dos enunciados depende de uma materialidade que é sempre de ordem institucional no sentido de uma estrutura de poder. Quero saber na investigação arqueológica como demarcar o campo de abrangência de uma positividade e as condições de possibilidade dos objetos.

Mas agora que eu sei pescar, e vivo entre as Icamiabas meu conceito de episteme entrou-se, virou fantasma. Depois de dois anos comendo Pitum, e fazendo amor com as

Icamiabas sonhando com o futuro, comecei a antever em paricá outras concepções de verdade, que só quem sabe pescar, e tecer a mão como as Lícias é capaz de pensar. Enquanto aprendo nheengatu a narradora aprende francês. Há uma subjetividade no matriarcado. Um ethos matripotente revolucionário pode combater a necropolítica pharmacopornográfica. Ubivis fábula em algarismos arábicos. Um forro de bodoque bordados transbordantes. Ninguém vira bilionário impunemente, perde-se não só a humanidade, mas todas as outridades da floresta junto se perdem também. Dedo verde aquário glauco enfio a isca no anzol. A psicotropia é uma intenção de força psíquica que muda a sensibilidade e a percepção. Toda planta é de alguma forma um psicotrópico, algumas são enteógenas. Trazem o ser para dentro de si. Quanta energia as plantas investem para produzir nosso consumo, são orgiásticas exibindo o canibalismo.

Foucault!

Foucault ouviu uma voz rezingona e mansa, de quem faz um rezo de ladainha, lhe chamando. Era Mãe Iya bell, mas era Oxalufan, com as costas cansadas pesando em Foucault que andava como velho, mas capaz de abrir janelas e criar mundos, ouve sua mulher Iemanjá lhe ensinando guiar os barcos, professor velho e cansado lhe ensinando que seu corpo é de santo, dizendo que apenas começamos, os tambores ritmados do barracão balangando eforurum efuroror ro lele emojubao ile modurere baba la oje ó baba la aje ô atoto hey baquice tabaquice de orixá, viu o moço num abrefecha dolhos. O que estava acontecendo? Nunca tinha sentido seu corpo com tanta percepção, mas que consciência era aquela que o acompanhava, como um choro que nos vem quando lembramos que amamos e somos amados. Tinha uma força operando na mente de Foucault. O que os ritmos ensinam ao corpo? Se não se pode crer em um deus que não dança o que resta dizer sobre a fé dos deuses que tocam tambores pra dançar epa babá, Nem o amor amizade dos gregos alcança a dança dos orixás. Ele já não sabia o que dizer, só sabia que só Oxalá faz caber todos os homens no mundo, singularidade é coisa divina.

Foucault piscou e com espanto superlativo, avistou uma linda Iansã toda de branco com um turbante e um iborùn vermelho no braço. Foucault tinha passado um tempo entre as Lícias, e as Icamiabas, e tinha se outrado, já olhava com outros olhos sua experiência entre os iorubas da diáspora. Embora ninguém ali soubesse, já que os anos que Foucault passou perdido nos trópicos das Icamiabas, passaram em 10 minutos de abanação de sua careca com leque por mãezinha bell de Ocam. Enquanto a Iansã varria para fora as vassouradas, uma loira

barulhenta que ficou parada na porta, viu os ogãs com a mão firme, mantendo tudo acontecendo, só no atabaque.

Quando fechou os olhos estava de novo entre suas amadas Icamiabas, nos braços da mais velha, com uma rapesada de paricá nas narinas. Foi no colapso cardíaco de um colibri que Foucault voltou supimpa pra bimba as índia. Porque Foucault não só gostava de mulher, como era lésbica. Entendia que o regime da sexualidade europeia não havia contemplado suas experiências de maneira que encontrasse uma prática de liberdade de sarração boa como das Icamiaba. Desmodernas.

Vendo as índia Foucault percebeu o que Butler percebe que o gênero é uma performance, e Foucault queria performar a caça e a coleta, a pesca e o banho de rio. Mas sobretudo invejava a lactação.

A lactação é um momento único. Que se repete várias vezes ao dias, durante anos. Cada vez que você sente a pequena boca de seu bebe em seu seio íntimo uma mornidão se apodera de seu ser, como se um sol matinal invadissem a janela da sua existência. A luz crescendo devagar dentro da gente, aqueles enormes olhos naquele pequeno corpinho te olhando enquanto suga o alimento do seu corpo que sente a passagem do líquido do miolo dos seios para o bico. Foucault está pronto para abjurar o patriarcado. Todo cabedal acumulado por Foucault valia menos que os haicais e orikis que podia compor, ele outrou-se. Ptolomeu era menos interessante que a queda do céu e os xapiri. E a amizade platônica só fazia sentido entre Kopenawa e Bruce Albert.

Na mata não tem mar, assim Foucault diferente dos pescadores que lemos em Jorge Amado, pescava com um fio, um anzol no riacho, ou com uma lança, A icamiaba safada que lhe ensinará a pescar fez questão de mostrar as duas formas. Não foi simples no começo, mas como dois irmãos que fazem a lição juntos ele se esforçava para aprender mais como ser um exímio pescador, sem ansiedade, mesmo planejando o próximo passo, que era caçar macacos.

Nos primeiros anos Foucault estava tranquilo pensando sua filosofia pós estruturalista e fazendo a cartografia mental da vida sem estado, cercada de ócio, e muito canto, caça e plantação, colheita e catação. Seus pensamentos eram claros pensava em tudo que escreveria ao voltar, se voltasse, nesse tempo ainda não sabia quanto tempo ficaria, e ainda acreditava que voltaria para casa. Talvez nessa época ele ainda quisesse voltar. Primeiro a Salvador e depois Paris. Mas quanto mais tempo Foucault entendia a weltanschauung do ócio matriarcal, mais mulheres ele se entendia. Uma relação outra com os ciclos, uma experiência com a linguagem, que se fazia mais feérica.

Foucault ficou um tanto matutando na beira da água, quando notou de longe uma agitação em um arbusto, mergulhou os pés na água e caminhou até mais perto. Notou pequenas frutinhas, que os peixes saltavam para comer. A observação lhe despertou encantamento, e decidiu depois de esmagar uma ou várias frutinhas, usá-las como isca. Arrancou algumas buscando os galhos mais graúdos. Prendeu em sua vara de mão as frutinhas e lançou distante meio a água. Esperou, esperou. E com a felicidade de uma criança que inventa um novo brinquedo exclamou contente - Funcionou! Riu gostoso, e então - Ah vamos ver que peixe que é! É pacu! Olha o tamanho desse pacu. Foucault começou a pescar para não enlouquecer. Corpo parado, cabeça doente. A filosofia lhe fez companhia nos dois primeiros anos de mata, todavia quanto mais vivia a floresta, menos sentidos certas coisas lhe faziam. Pescava ora para comer, ora para presentear as índias com quem fez amizade, ora só para devolver o peixe para água. Lhe aprazia pescar. Olha isso eu peguei uma tambaqui na varinha de mão, não é uma pirapitinga gigantesca! O tempo passava manso perto da água. Dia a dia via o limo crescendo nas pedras O coxar da Lua na boca dos sapos quando a noite começava cair tarde. A distância da Europa somava suas lembranças para menos. Conversava com bobeiras muito profundas com as pedrinhas do rio. Nem bem desramelava o olho de manhã corria pra pescar.

Caminhava dando pontapés ao vento, serelepe como na juventude em Poitiers não lembrava ter sido. Ia sendo felizardo pelos rios de janeiro a janeiro. Aquelas paisagem de entrar em soneto. Foucault esperava o peixe, assobiando pro horizonte. A dimensão dos muitos tons de verde. Os rios caudalosos, a vegetação densa com árvores altas, o bioma de maior diversidade que existe, praticamente metade do BR é bioma amazônico, a maior floresta tropical, olhava os espinhos d'água, enquanto era cuidado pelos passarinhos feito um maluco de BR, 22% das espécies nativas do mundo estão no bioma amazônico, a mata várzea, as andirobas, sanuba, canapé, uma árvore frondosa, seu fruto libera 4 a 6 sementes amarronzadas, cujo óleo medicinal cuida da pressão e do colesterol, se usa para besuntar os corpos das criazinhas, nos cabelos, antiinflamatório poderoso cuida dos reumatismo, cicatrizante, trata os verme. O clima quente e úmido o ano todo, equatorial úmido, de altíssima pluviosidade, formiguinhas e formigonas sem dores nas costas, trabalhando sem cessar. Uma música especial na maratona das formigas, hinos e limos de alta tecnologia. O frêmito das borboletas nuas delinquentes, de beleza farmacêutica, que morrem antes de maturar, dorme perante o pólen, pousa e aceita o poema. O canto dos aranquãs pantanense que se perde vez em quando na amazônia, o sabiá cantador, bem longe as paredes de tapera. Pensou que no princípio de tudo era água e sol, e as coisas tuda inominadas. Um canto

baixinho, que aumenta o canto do do cricrió sempre presente, a voz da floresta amazônica vem do cricrió, ouvimos seus cantos vindo da parte alta da floresta. A mariquita canário da mata que canta o ano todo na floresta. Nas orvalhadas vaginas dos lírios pousa o beija flor.

Coisinhas caminho poetinha, projetos, estudar escutar. A Europa cada vez mais parecia um retrato apagado, dizem que os franciscanos viraram índio, por isso mandaram os jesuítas para cá, Foucault é franciscano. Desarrumava a linguagem em terapia literária, uma lagartixa. Um chupim pousado no centro de uma ilhota perdida num corixo. Sol e a isca de cuspe. Grande enciclopédia de aves é a mata secreta e zunenta. Místico feito uma viagem de ayahuasca é uirapuru amazônico, nas floresta de terra firme, o uirapuru verdadeiro é uma ave que se encontra em estado de água, só canta quando reproduz, é preciso esperar às vezes um ano inteiro de saudades pra ouvir o uirapuru verdadeiro, tem uma penuginha cheia de bolinhas brancas na parte de trás do pescoço feito uma mantinha de pescoço feita de galinha d'angola. A cabeça e o pescocinho dele são castanhos, a barriga bege, o corpo marrom e as asas listadas pontilhadas. Dá uma paz profunda, seguida dá vontade de voar, dá uma certeza que a totalidade das coisas é uma ouvir o uirapuru verdadeiro, verdadeiramente seu canto é o mais belo dos belos, nas ferragens do gramofone se quer ouvir o uirapuru verdadeiro, nos dias de pentecostes se quer ouvir o uirapuru verdadeiro. Quando a gente tem um tempinho, e fica pensando muito, a gente quer ouvir o verdadeiro uirapuru. Ave de lenda e perlenda, ave que vira renda, rentável em mãos matreiras. por bordadeiras é o canto do uirapuru seletiva substância sonora, ave canora. Da leitura para a observação da natureza Foucault praticava um exercício espiritual sobre si.

Uma micro rã vermelha luzente pula numa vitória régia gigante Os nenúfares.. Amanhecido entre pássaros Foucault tem defeitos vegetais nas ideias. A vida começa e termina num sopro, viver é soprar, e as aves cantam quando sopram. Uma compenetração recíproca entre sujeito e ambiente, que é de alguma forma certamente abertura para questões. De que maneiras os processos podem se dar? Cianobactérias e vida aeróbica. Ao imaginar nos tornamos aquilo que imaginamos, as formas são para as plantas declinações do ser, elas dosam no mundo certa existência paradigmática de razão, transforma o fato biológico do ser vivo em uma questão essencialmente estética. O fato único de transformar a luz solar esparsa pelos cosmos em matéria disparatadamente coerente. A autotrofia, diferente da quase absoluta totalidade dos seres vivos que dependem das existência de outros viventes, as plantas não pressupõe nada vivo antes delas para viverem, transformam tudo em alimento. Investigar a planta é entender o mundo. A semente é um espaçamento metafísico. Foucault coloca a semente no anzol, joga a varinha de mão e espera um tambaqui, tucunaré fogo, caparari,

cachara, trairão, piranha, corvina, pirara, jaú, poraquê bicuda, matrinxã, arraia, o que vier. Quando lançava a varinha Foucault entendia que o corpo conjura pensamento.

O matrinxã é um peixe de água doce, conhecido como jatuarana, tem a mania de habitar os rios de águas claras e lagos. Faz migrações de lonjuras alhures pra mode poder acasalar, são onívoros, se alimentam de insetos, frutos, sementes, flores, peixinhos, e às vezes são canibais, é um peixe de escamas, com uma carne tenra saborosa, prateado tem nadadeiras da cor da pitanga, possui uma denticção porreta, com os 5 k que pescou de matrinxã, podia voltar pra tapera ovacionado. Uma sensibilidade à coisa onde você se conecta. Lembra-se de que os rios da bacia derivam do Rio Amazonas. Existe um quanto de tipo de rio na bacia, os barrentos como Rio Amazonas, lementos cheios de sedimentos, onde a vida fermenta em cores de lamaçal ; os rios de águas pretas, onde o humus reveste todo o fundo, feito o Rio Negro, e os de águas claras como o Rio Xingu. Só sobraram 250 mil indígenas no território da Amazônia Legal. As amazonas são o Estado em feminino. Foucault devolveu o peixe pro rio, ouviu uma cascavel silvando teologal, traste de cobras, ofidiário dos inferno! Um pedrouço gosmeado de sapos, caracol no cipóal, vagalumes penetrando de luz a flauta dos pássaros, a folhagem envelhecendo até romper no chão, a folhagem envelhecendo pervagada pelos passarinhos. A folhagem envelhecendo em vermelho ferruginoso.

- Canta hoje uirapuru verdadeiro.

Nas margens do rio secavam as lagartixas, pacu em água rasa, os sapos assestando seus cantos. Pegou uma pedra gosmenta e guardou no bolso do pensamento como que guardando o rio consigo, vivia nu. Criaturas com emoções de riqueza íntima, não há silêncio na floresta, não há cidade...Cobra eremisa jia.

Depois da pesca tranquila Foucault não imaginava encontrar um peixe boi, nesse tempo de pesca já não sentia entusiasmo com a vida anterior. Ficava lá pensando em como a noite ao redor do fogo participaria das interpretações de sonhos, e tentava decifrar o que significava sonhar que estava caindo? Varava dias e dias em ociosidade antes da pesca. Agora atoleimado de tanta natureza, pescava feliz. Estava esfalfado de Europa. O objetivo é indefinido o objeto definitivo

Dixava a bagana Que rebarba lapa, aqui zarpa papa, polpa polis, palimpsesto, sextavada a vara caçapa primitiva, fuma fumaça faminta, famélico, conego encaçapa a sapopemba balanca essa pemba, escova a Escócia, um esconso, gonzo, associado a sócio advogados das formas vivas, advogados cosmopolíticos, de mínimas existências das coisas que se solavancam, quem passará incólume, pelas barra fundas de minha bunda? Baboseiras que cifram os chifres. Artyxewinsgh demora e não se explica. Argosma água e

unda por toda Uganda, sucumbe em mímicas com macacos. Cacos de vidro, vidros de aço, samba, em Sampa, antes de cair no samba da gamboa, no samba de Santo Antônio, Occam clausura a Catalunha, onde se escondem as amadas ninfas. Se eu não fosse cética seria pitagórica dogmática? Sapopemba onde nasceu o Pablo. Naufragam flamingas galerias com três gêmeas xifópagas capilares queimando de enxofre os fantasmas prodigiosos da xawara, só quem mata é xapiri da mata. Ele não, ele nunca mais. Festas agrárias. Pneuma, paradigma recíproco conjunto físico do mundo adaptado. Consumiram se as tabas inteiras de capim toupinamboult, consumindo e pensando fumaça sármata. Pérsia e Turquia. Tapetes turcos. O tempo é a distância entre o ser e o nada. Entre as plantas de poder Foucault entendia que a vida deve ser gozada e não sofrida com paciência. Estava contente com o atual estado de coisas entre as Icamiabas. Pula na água e submerge fenomenando dentro de parques limites de um instante. Volta à superfície, e sobe de volta em sua canoa. Imagina animais fabulantes que são poemas em fragmentos. pensando com olhos e ouvidos,sabia a verdade e era feliz . Tíbum caiu de novo n'água nada em volta da canoa, sobe e rema coa mão, viu uma cobrona e uns passarinho voando sobre um jacaré bem grande , se tivesse bolso guardava o sol e uns passarinhos. Agradecia ter ido parar na pinacoteca da natureza.Dentro do rio sentia na pele a textura da correnteza. Sentia predomínio por lírios, e nunca estaria em comunhão com as moscas. Jurava que uma noite os mosquitos lhe derrubaram da rede. Era livre para o desfrute da pesca e das aves. Bom é corromper as coisas das palavras.Uma cigarra lhe árvore a Foucault. Ouve quando cai uma chuva leve de veraneio, a água farfalhando nas folhas, o murmúrio das árvores. Parou de ter ideias para ter tardes. O buliço das borboletas, e o bulico dos passarinhos a bostear a cabeça careca de Foucault.

Nem bem acordava e já queria apalpar o esplendor da manhã se devotar ao modo como as borboletas tem intimidade com o mundo, se debruçar sobre as certezas do infinito. Desaprender é descolonização ,quando um homem faz seu primeiro pardal, a noite vira criança. Os gorjeios matinais são seus favoritos. Lhe faltava ignorância pra entender que as coisas são assim como são. Chove tanto na Amazônia que o amanhã chove no ontem, é uma umidade sem fim. Fica difícil deixar as meias secas. Pensar definitivamente é estar doente das vista. No meio dia de início de primavera, viu correndo bacuri das icamiaba, suas cria. No céu tudo em acordo com as árvores. A fruta pão é um milagre, o palmito é o próprio menino deus fugido para o Sol. As deusas sorriam pro seu sono de ciesta em cima da canoa depois de fumar sua maconha. Sua alma caminhava de mãos dadas com as estações, não se entristecia como os pôr do sol, sua alegria era sucesso. Justa e natural, Pensamentos contentes, que de tão sabido e alegres, não pensava ao caminhar na chuva. Ambicionava ser poeta,e fazer orikis e

haicais, poemas curtos diferente da longuidão dos comentários à filosofia grega. Via suas ideias e olhava seus passarinhos, fingia compreender a xamã das índia, mas não entendia nada sobre outrar-se, mesmo chapando a careca de yakoana. Crendo no bem me quer, e não pensava o mundo, mas via as coisas, abdicava de filosofia, para ter sentidos, amava o amor, o eros philia, a amizade. Sabia de soslaio que a vida é flor, a amizade é o verdadeiro relacionamento ético, sem ciúmes nem mal, O bem supremo, o uno, não adianta tava viciado na greguice breguice. Rezava para Oyá para se sentir simples, como as flores que tem perfume e cor, das borboletas que são flores que voam. Há metafísica o bastante na estética, a metafísica é toda ela uma estética. De olhos abertos sabia o que era o sol, mas não deixava de pensar as coisas do calor, com filósofos e poetas não sabia o que fazia, com metafísica das misturas que as plantas nos ensinam. A planta transforma o ser íntimo de entender que ela transforma a coisa biológica do ser vivo em questão estética. Os montes o luar e sol e luar e as árvores as árvores as árvores as árvores e Sol pra caralho. Que mais sabia Foucault das deusas que as deusas de si próprias? Com flores e árvores e pedras e cobras e sapos, e jacarés e peixes e coisa a dar de rodo. Abalava os pilares da biologia e da ciência natural dançando pelado, e depilado. Às vezes no fundo desejava peles de papel para escrever cartas como a Carta VII, conselhos aos amigos, consolo, falando sobre a xawara e os xapiri. Vendo os xapiri, ria como quem tem chorado muito, mas não chorava fazia um quanto. Se para Europa tinha planos vaneceram nas núpcias do caos com o acaso. O ruído é constante da vida, não tem mutismo na floresta, calam-se os aforismos. Uma limonada de vagalumes descortinas clareia iluminada. Spinoza prova geometricamente que os outros existem, e que focinho de porco não tomate? Só se preocupava com as coisas inúteis. Poemas são inutensílios, nos galhos das estrelas Foucault recitava os seus

Foucault volta saltar na água, agita os braços em nado, sente o coração bater mais rápido, a água está fria, o Sol muito quente, vai e volta em comunhão máxima entre aqui e ali, o lá e o acula. Conservava o cérebro em lugar fresco e úmido. Sentia mais falta do samba de Sampa e de Salvador que do Louvre, sambar é estar são, isso que nunca foi pra Cacique de Ramos. Se não tem remédio remediado no estado em que está, a quem Exu prometeu Deus dará. A vida é para quem sabe viver. O outro como determinação ontológica, para pensar outramente, o Outro não é o Mesmo, não mesmo porque é mais esperto! Isso sim! Os outros já sacaram a xawara e tão vendo os xapiri, Foucault que nunca gostou de mulher até conhecer as Icamiba não foi comprometido em seus sonhos com xapiri, com prostitutas. Se quando os brancos sonham com xapiri acabam na casa das prima, para esquecer os pensamentos outrados, Foucault viado sonhou com xapiris a infância toda e só agora entendia seus

pesadelos. Na floresta o outro é um em si não é o outro do mesmo, a coisa é que é outra! Queria aprender a sambar, como as negras bonitas do barracão de Mãe bell, O barracão de Mãe bell, a pureza da flor , era mais longe que Salvador, ficava em proximidade com Irmandade da Boa Morte. Ia em Cachoeira na Bahia. Chegou no dia de branco, na missa das almas. A irmandade era de Salvador na Barraquinha, no fundo da igreja tinha um candomblé, aí elas fugiram para Cachoeira. Os antepassados eram intitulados mulheres de partido alto, trabalhavam em prol dos irmãos para conseguir alforria e liberdade pela fuga. Quilombo é rota de fuga. Liberdade é estar com Oxum quando morrer, e nadar depois da pesca , entre a pesca, antes da pesca e de sambar na fogueira das Icamíabas. Tudo que Foucault lembrava do Samba em seus sonhos ensinava pra xamã das icamiaba que o via como uma ferramenta confusa de Omama. Num dos sonhos sonha com as negras orgulhosas de preto virando Boa Morte, ele ainda era irmã de bolsa, sem a farda preta com a beca. Candomblé significa amor união, quando se bate na porta não se pergunta quem é? Se diz entre filhos em nome de Oxalá. O dia 15 é o Dia que Nossa senhora da Glória se elevou ao céu. A Boa Morte é respeito é amor significa a fortaleza gratidão ancestralidade, resistência muita luta Boa Morte é força é coragem, o Terreiro de Mãe bell , é filho de Boa Morte, e lá se cultua o segredo das Iyamis, e sobre o segredo não se fala, mutismo absoluto por isso me calo não te conto o segredo não conto, segredo não se conta, não conta pra ninguém, você não vai saber porque não vou falar, é segredo! A festa de Nossa Senhora de Boa Morte e Glória, recebeu Foucault, e no terreiro de mãe bell ele caiu, desde então vive mais de 4 anos entre as Icamíabas, já não deseja voltar pra Europa. As irmandades negras eram irmandades de resistência. Papel político e social com compra de escravos, e serviços funerários, as irmandades cuidavam de seus irmãos. Como dar conta de suas almas? Pedindo a Nossa Senhora que desse aos negros uma morte livre da escravidão. Nossa senhora da Boa Morte é uma diplomata com a igreja católica, composta por mulheres negras movidas pelo desejo de liberdade, mulheres de posse no meio da sociedade colonial patriarcal e escravista, Pagavam alforria e encaminhavam aquilombados, o primeiro movimento feminista das mulheres de preto em solo brasileiro. Representa um documento vivo de como eram as comunidades irmandades negras políticas como forma de resistência pacífica diante do racismo escravocrata branco. A formação das irmandades brotava dos cultos aos santos. Os escravos morriam no açoite, e seu corpo era enterrado em qualquer lugar. Irmandade da Boa Morte está na, mas fora da Igreja. A irmandade dava acolhimento aos aquilombados e guiava escravos para liberdade. Não buscava ser católica, mas o direito à liberdade de ser humano. Da igreja da Barraquinha cultuavam os deus africanos, e no fundo na Igreja celebram os deuses africanos. Nossa

senhora da boa Morte não é Candomblé. É um processo de celebração de mulheres, que adotam Nossa Senhora da Boa Morte, fugiram em 1920 de General Madeira de Melo de Salvador para viver em Cachoeira. Tia Ciata, Anita de Oxum, Major Madeira de pelo tia Ciata correu pra praça 11 no Rio de Janeiro, pra onde levou a música e comida , e a confraria de Nossa Senhora desce para Cachoeira.

O corpo de Foucault em estado de Ere ouvia as histórias deitado na esteira no chão, enquanto sua alma vivia de alguma forma entre as Icamíabas encarnado num corpo outro que ele não sabia qual, como seu corpo habitava dois lugares ao mesmo tempo? Mulheres intimamente ligadas com religiosidade de matriz Africana, cultuam os orixás da Igreja, São Pedro Xangô, Nossa Senhora da Glória Iemanjá. Fundadoras das irmandades dos negros cativos. Se reuniram na Casa Estrela, onde ocorreram os primeiros ritos do candomblé, e onde se iniciou Boa Morte. A Casa Estrela foi a primeira casa de Boa Morte, onde se cozinhava os tabuleiros de comida de Boa Morte para venda pelas irmãs. A organização da irmandade da boa Morte se constitui a partir da eleição de cargos, Provedora , procuradora, tesoureiras, escritã e irmãs de Bolsa, a mais velha juíza perpétua. Assim como entre os iorubá é a seioridade que dita a norma entre as Boa Morte. 3 anos de observação antes de virar escritã. Juíza perpétua assume o cargo de provedora a cada 7 anos. Irmã de bolsa vão pedindo, fazendo convivência e esperam 3 anos para ser escritã. A irmã de Bolsa recolhe a jóia para Nossa Senhora. Dormição e Assunção de nossa Senhora marcam os ritos de vida e morte. O branco é o sentimento de memória as irmãs fundadoras da irmandade, rezam pelas irmãs falecidas no primeiro dia , o Dia de Branco, foi assim que Foucault foi parar nas mais antiga da Terra as Icamíabas. Não saberia explicar pra vocês como se deu, mas os poderes da Jurema não se deve duvidar. Só quem faz o caruru é que tá mesmo já na Boa Morte. O segundo dia acontece a procissão e a missa da dormição da Nossa Senhora de Boa Morte. No terceiro dia é o ápice das celebrações a Assunção de Nossa Senhora da Glória, viva bem vestida com um percurso longo pelos cemitérios e encruzilhada. Reatualização da morte e ressurreição de Maria. Então dia 16 come cozido, dia 17 se come caruru, dia 18 se vai para casa. Enquanto escrevo a Bahia está encharcada de chuvas em estado de calamidade, pedem auxílio para alimento e água, as casas desabam, na Europa e Canadá aos poucos a Omicron vai fechando tudo, a variante do povo africano que não acessou a vacina a tempo de evitar essa fatalidade, o fato é que o céu está caindo, e agora o máximo a fazer é evitar o fim do mundo atrasando-o, ideias para adiar o fim do mundo. Viver é interagir, com o planeta e suas leis, com as pessoas, com nossos pensamentos. A inteligência se desenvolve na passagem do desconhecido para o conhecido. O desenvolvimento intelectual depende que tenhamos um lugar seguro para voltar.

Aprendemos a cada interação, e todo conhecimento futuro depende das primeiras interações que desenvolvemos na vida. O bebe que tem seu corpo massageado diariamente terá movimento e coordenação de segurança do pescoço por exemplo meses antes que a criança que não recebe esses estímulos. Interagir é diferente de reagir e agredir, a pessoa que reage e agride mostra o que aprendeu e sua cadeia danificada de comunicação interneuronal. Acelerar os processos de aprendizagem também é pernicioso. A relação básica com o mundo natural, nos traz a capacidade de criatividade e abstração. Depois de aprender a pescar, Foucault percebeu novas inteligências nascendo. Quando nos relacionamos em interação com o mundo ao redor e podemos minimamente prever resultados prováveis nossa ansiedade fica sob controle. Boa parte da nossa vida adulta é estabelecer rotinas que nos permitam funcionar com um mínimo de unidades sensoriais, dado que aquilo que é repetição a mente coloca em funções automáticas. A glândula pituitária produz ACTH este hormônio produz proteína no fígado e no cérebro, o que produz esse hormônio é o stress, os ratos que são estimulados com esse hormônio em laboratório demonstram ser mais inteligentes que os não estimulados, buscamos uma pequena dose de stress para aprender. O bonobos resolvem o conflito e o stress com sexo, imagina se nossas pesquisas sobre comportamento se embasassem em bonobos e não chimpanzes como as noções de comportamento normal seriam alteradas em sua base, os bonobos também tem o DNA tão similar com o humano quanto o dos chimpanzes, mas eles são matriarcais. A repetição cria o senso de pertença como se sabe, assim nadando e pescando diariamente a França se distanciava, em névoas de memórias distantes

Bagana de cana, marofa de bagana. Organiza um rogonha. Amarelar o vermelho no ocase,O ocase amarelado o vermelho. As parangaricutirimiurraro, Palhoca de pindamoiangabas pindamo mangabas, papaya macia, Malhando o calhorda, uma cobra e a cor pitanga, cor e carnica de couro, a cor pitanga no ocase. Pintassilgos, pintasilvos, pintam uivos, acabem com as guildas. Vislumbrar azulilases as violetas. Canteiros de seilás e usam crase quase em crise. A arararvore caiu a pomba e pumba a coruja que caiu, voce fala corujes.

.Casam-se as palavras uma a uma, dois e dois são quatro, um sol do meio dia , verde de tão glauco o rio se desfaçatez de moça virgem, disfarça a tez, assai pêssego de pele, baunilha em flor. Zum de cigarra, cumaru. Cumarina,Dona Lina, terreiro Bo Bardi. Na tv o lombardi. Lambidas nas lambadas lombadas, dança o ritmo da amazonia. Dancando lambada hey dancando lambada hay.hey eoee, eeeeeee evoé, me chama que eu vou.

De repente ele joga novamente a isca a distância, a pesca é assim se repete como a vida nos dias comuns, se acorda toma café, faz yoga. Faz aula de linguas, come de novo o almoço, estuda , trabalha, lê se, faz tete xupa xupeta, xupa xoxota, xupa teta chupeta. A vida é

feita de pequenas repetições e necessidades. O cheiro úmido da mata penetrava suas narinas sem pedir licença. Lembrou-se de quando bebeu cauim e viveu uma Dionisiomancia, a arte de adivinhar enquanto bêbado. Entre cartesices e certezas, duvidava da própria dúvida. Entre incertezas e incartesices acreditava no Ifá. Ifa esse sistema de conhecimento da história do presente do passado e do futuro, oráculo para todas as coisas da vida. Neste dia pescando no rio Tupana Foucault desejou ter até amigos filósofos com quem jogar conversa fora. O peixe briga com a isca, pula na água espalhando-a feito criança quando pula na poça d'água pescou um assunzinho viu bem prestou atenção e soltou de volta na água. Foucault pescava por diversão. O rio com pequenas árvores no alagamento o peixe briga briga tenta se soltar parece uma dança de butoh entre o anzol e o peixe na água como palco. Uma hora um peixe miúdo, pegou numa isca grande... Ora veja se isso é tamanho de peixe pra uma isca dessa? Ouvia longe os kitoki gritando brincando entre as pernas das icamiabas, a vida longe do capitalismo selvagem, do estado permanente de medo de morrer de fome, que ele como bom europeu que é nunca sentiu, mas sabia bem que os frequentadores do terreiro de Mãezinha belll de Occam sabiam todos os dias o que era esse medo de ser brasileiro sem garantia nenhuma. Foucault as vezes se fazia de fácil pras Icamias, já estava muito acostumado a sarração e gostava mesmo muito de se deitar com as mulheres, era concertezamente uma mulher também. Dava para ver a sombra das árvores de copas miúdas e galhos fininhos se movendo no rio, ao longe do Tupana se enxergava um enfileirado de árvores assim no alagamento. Às vezes galhos mais largos mas sempre o peixe brigando com anzol, ixi o peixe saiu de trás do toco um tucunaré comprido amarelo esverdeado bravo com 3 listras, pegou na mão olhou sentiu o peso, e pensou que aquele iria virar pirão, deixou no barco dentro de um vasilhame de barro cheio de água do rio, para o peixe estar bem fresco vivo na hora de comer. Tapou com um cesto para que ele não ficasse pulando e balançando a canoa, e seguiu calmamente pescando sem pressa como quem lê os clássicos gregos num domingo quente de verão. Passou ambicionar construir um molinete. Imaginava os peixes correndo em sua direção enquanto ele rolava a linha no molinete e o anzol correndo com o peixe na água, que beleza!l, o peixe bravo grande em guerra com o anzol como os homens de bem com a pobreza. A pobreza é uma coisa maligna, ela gera traumas que geram medos permanentes implantados na subjetividade das pessoas. A pesca tem uma repetição calma diferente da repetição diária do medo do desemprego que assola os que não são europeus. Pesquei um paquinha! Agora tá dominado! Peixe cinza escuro magro, não é carnudo pra se comer bem, e depois de um dia ao sol nadando e pescando sente-se fome como bem sabe -se puba e peixe no leite de coco com bananas e azeite. Pegou a isca um tucunare muito bravo, Foucault tentou segura-lo mais ele

tornou a fugir arrastando a linha para longe, foi preciso impor muita resiliência afim de conquistar aquele peixe, que tentava viver como todo miserável que habita as ruas insiste em ficar vivo e lutar, o peixe com a boca presa no anzol, se debatia, e Foucault sabia que queria comer aquele peixe, era uma luta! COM muita energia o peixe nadava embaixo e em volta da canoa e Foucault tentava lutar contra ele num tentativa de tirá-lo da água para colocá-lo direto na panela de barro onde seria cozido não cru naquela noite, cansado de comer macaco todo dia Foucault variava seu cardápio agora já depois de 4 anos entre as Icamiabas sentindo-se mulher, sabendo-se mulher e pescando. Algo na maneira de Foucault fez as índias não comê-lo, por enquanto, talvez fosse sua mudança de gênero, talvez o gênero não fosse codificado senão como uma marca anatômica entre as Icamiabas, Talvez fosse...Sabe -se lá o que se sabe das Amazonas? O gênero é socialmente construído. É uma categoria social que é produto de uma cultura, um espaço, e produto de uma história, um período. Estudando a emergência do gênero no sudoeste nigeriano ela percebe que o gênero faz parte de um imperialismo do corpo, mente e conhecimento. Desenhando através da organização familiar, divisão do trabalho, linguagem, religião e cultura oral, ela mostra que ao contrário do Oeste o gênero não era codificado entre o iorubás antes da colonização britânica que se estabelece junto com os sistemas de gênero já existentes.o peixe pulou tentando fugir para dentro da canoa, mas Foucault foi mais forte e segurou a linha puxou pegou anzol e tirou o peixão para fora d'água, o tucunaré ainda saltou tentando escapar com a boca aberta, mas não conseguiu e perdeu a guerra era peixe pra mais de 3 kilos Foucault cozinhava pra si e para su colega que o ensinou a pescar e elas ficavam tecendo juntas cestos e esteiras que deixavam a vida e as dormidas mais confortáveis. As coisas todas sem vírgulas se misturam numa natureza sem fim, o Sol a pino em guerra. Lutava para chegar de uma margem a outra do rio, o prazer mental de nadar, três braçadas um respiro. o Descanso da mente. As sombras das árvores de galhos finos e copas miúdas por sobre as águas árvores que nascem e crescem em meio a inundação do rio

Farinha bagana comeu bacana e uma banana, comeu dois macacaos, um tucunaré, saiu fez escada subiu no pé pra fazer goiabada, comeu com farinha comeu com banana, Ouviu a canção de uma velha Agba, Occam vive. Um pão de levain, uma capa do Batman. Vampiro? Não sei se uma capa preta passou no seu sonho numa noite escura. Olhou pela janela da maloca e avistou as árvores. Fumo canábico. Pensou em dizer, talvez em fazer encontrou um bêbado irlandês cego e patavinias não se come estilingue. Se e quando tem fome só se pensa em comida quando se come pensará no que? Quem me entenderá bêbada, chapada, ou então assim com esse antipsicótico me deixando sóbria de doer. Onde preciso de dias até um ácido bater. Talvez tudo que tenha para ser dito já foi dito e não sobra mais nada pra dizer, se

Occam morreu? Só a maconha tem efeito sobre todas as coisas. Planta do bem. Quando sentia-se demasiado alienado da existência, plantava espécimes que ele mesmo misturava de uma variante canábica aqui outra ali de acordo com a cor das flores, e barato que davam. Lembrou-se das casas de favela que frequentou indo de barracão a barracão, como se fosse Pierre Verger. Varre céus e terras o Maractu, a felicidade das crianças icamiaba. Um quilombo incandescente. Rabo de arraia. irmãooxista A poesia desobedece em estado de greve profunda, não existe senão dionisiaca, a vida é sonho. Oh um sonhador por favor me deixe mudo olhando os peixes saírem. Nessa vida tudo passa, só me fica a desgraça de não ter o que pescar...Lararararirara liroiroro O coração batendo forte no peito, na menina dos olhos o desejo lhe faz mulher senhora Foucault, as vezes num momento de perigo as cobras lhe assustavam na madrugada, alvoroçado feito pipocas travessas caiu da rede por medo do ofidiário, pensava nisso e lhe dava uma raiva que quase esquecia que agora é mulher. Porque mulher não sente raiva não sente é ira mesmo! A primavera vem e brilha tudo mesmo quando ninguém mais espera, mas na Amazônia é tudo primavera todo dia o ano inteiro, menos no verão que de tão quente e úmido você sabe que é verão. Poder para o povo, eu nunca fui depressa, cada segundo da vida é dádiva. O vento sopra. Rocha em tons aquarelados resfolega varejeiras na manteiga, semente fértil por pirraça, desobediência de delírios esculpidos, concentrado de detritos no fundo da água, a mutação antropofágica. O que escrevo já não é meu transcende toda palavra. Me visto de palavras sinuosas e ininteligíveis, volúpia que se desenovelam fazendo frases, A velocidade desenfreada do tempo real gritante, radiante as tendências da materialidade erótica, tento e quero ser um objeto gritante dos sem decoro literário. Uma ruptura de fragmentos na tessitura de uma linha imaginária, um instrumento fundamental para exposição de muitos assuntos, um discurso polifônico de fissura literária. Associação entre elementos hipóteses deduções e objeto estético. O que é este texto?As águas murmurantes infestadas de peixes, e Foucault esperando. Viver no capitalismo é calmo feito uma bomba. Ao invés do corpo franzino de intelectual de cacharel e meia Foucault foi ganhando um corpo vistoso de quem rema. Os olhos ávidos lacrimejavam em sorriso sem cessar olhos imensos do tamanho de uma fruta pão, uma morna brisa de hálito morno soprava palpitando das profundezas da sua boca em rítmica ressonar como um ronron, entre uma braçada e outra do nadar. Escrevo essa pintura. Antes de conseguir falar se percebe o momento,o presente passa por si, a ansiedade do futuro, e o passado sem fim precisa ficar de fora de agora. A benção das crianças desprovidas de pais só as Icamiabas dando conta do recado.